

As contribuições do anarquismo cristão para a educação: para além do prometeísmo social

6

*The contributions of christian anarchism for education:
beyond the social Prometheanism*

Gildemarks Costa e Silva*

Resumo: O objetivo deste trabalho é destacar as contribuições do *anarquismo cristão* para a educação e, de modo especial, para a superação do problema do prometeísmo social no campo pedagógico. Explora o pensamento do filósofo da tecnologia, sociólogo e teólogo Jacques Ellul, um dos expoentes do anarquismo cristão, com base em três elementos: a *não violência como método de luta social*, a *concepção de natureza humana* e, por fim, a *questão da utopia*. A análise desses elementos permite caracterizar o *anarquismo cristão* como alternativa instigante para o enfoque das questões educacionais e, especialmente, para a superação do problema do prometeísmo social.

Palavras-chave: Anarquismo cristão. Jacques Ellul. Educação.

Abstract: This paper aims to highlight the contributions of *christian anarchism* for education and, in particular, to overcome the problem of social prometheanism within the educational field. Proposes to explore the thinking of the philosopher of technology, sociologist and theologian Jacques Ellul, one of the exponents of *christian anarchism*, based on three elements: non-violence as a method of social struggle, the conception of human nature and, finally, the question of utopia. The analysis of these elements allows to characterize the christian anarchism as alternative to the approach of educational issues and, in particular, to overcome the problem of social social prometheanism.

Keywords: Christian anarchism. Jacques Ellul. Education.

* Doutor em Educação. Pós-Doutor pelo CES da Universidade de Coimbra, Portugal. Professor Associado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: gildemark@yahoo.com.br

No entanto, não quero dizer com isso que sou o primeiro a seguir esse caminho por ter descoberto algo novo. Não tenho a pretensão de proclamar “coisas ocultas desde a criação do mundo”. (ELLUL, *Anarchy and christianity*).

Professor Ellul – eu preferia muito mais dizer “Mestre Ellul” – [...]. Eu tenho me esforçado por segui-lo em um espírito filial, fazendo todos os passos em falso que isso implica. Espero que aceite minha colheita e possa reconhecer algumas flores entre o que pode parecer uma mistura de ervas daninhas. (ILLICH, *Hommage à Jacques Ellul*).

Introdução

De modo geral, os textos de filosofia da educação e de história das ideias pedagógicas fazem pouca referência à presença do anarquismo na educação (SUISSA, 2001), mesmo que a questão educativa sempre tenha sido central nos projetos sociais e políticos dos anarquistas. (GALLO, 2012). Embora não seja algo novo e, ao mesmo tempo, tenha se mostrado extremamente instigante e frutífero para propor experiências pedagógicas, o anarquismo, em suas diferentes formas e vertentes, é muito pouco explorado dentro da teoria da educação. (SUISSA, 2006). Até mesmo entre autores considerados “críticos”, “progressistas” e “radicais” dentro da teoria educacional, o anarquismo é pouco mencionado, quando não é objeto de distorções em relação aos seus principais conceitos. Aliás, não é temerário enfatizar, em conformidade com Suissa (2006), que os textos acadêmicos e o senso comum, geralmente, abordam o anarquismo de forma simplificada e distorcida.

Em função desse contexto, ressaltamos a importância de analisar algumas dessas incompreensões, de forma a permitir ao anarquismo um olhar mais detido e cuidadoso dentro do campo educacional. Nesse sentido, neste texto, objetivamos examinar as contribuições de uma determinada vertente do anarquismo, qual seja, a do anarquismo cristão para a educação. Não desconhecemos o debate sobre a possibilidade de anarquismo cristão ser considerado (ou não) uma das vertentes do anarquismo. Além disso, temos ciência da dificuldade de definir o que é anarquismo. (SUISSA, 2006, 2001). Assim, quando nos referimos ao anarquismo cristão neste texto, estamos nos remetendo, fundamentalmente, à posição defendida por Ellul, mesmo ciente dos

problemas que isso acarreta. Como nos adverte Ellul (2010), “em um diálogo com pessoas diferentes, se queremos ser honestos, precisamos permanecer firmes em nossas posições, sem máscaras e dissimulações, sem abandonar o que pensamos”. (ELLUL, 2010, p. 10).

Ao fazermos tal escolha, não queremos desconhecer que há diferentes perspectivas, autores e correntes em vários momentos da história que, do ponto de vista teórico, têm abordado temas relacionados à autoridade, à liberdade e à comunidade em uma perspectiva que pode ser denominada anarquista. Porém, neste texto, de modo especial, focaremos a discussão na proposta delineada pelo filósofo da tecnologia, sociólogo e teólogo Ellul, com base em três elementos: a) o princípio da não violência como método de luta social; b) a concepção de natureza humana; e c) a questão da utopia. A análise desses três elementos nos permite a caracterização do anarquismo cristão visto como interessante alternativa para o enfoque das questões educacionais. Daí que, neste texto, mais do que uma análise exaustiva do tema, propomos um apelo a se levar em consideração essa perspectiva nas análises e abordagens de problemas educacionais.

Além disso, o anarquismo cristão nos parece uma alternativa de interpelação do problema do prometeísmo social dentro do campo pedagógico. Como assinala Kahn (2012), necessitamos encontrar alternativas às formas tecnocráticas de reprodução social, bem como às versões de teorias pedagógicas críticas que se opõem à tecnocracia educacional com base no argumento de justiça social e liberdade. Para Kahn (2012), em educação, vivenciamos um dilema: de um lado, temos o fortalecimento e o desenvolvimento cada vez maior de diversas formas de tecnicismo pedagógico e, de outro, vemos a adoção de ideias prometeicas como propostas alternativas ao mencionado tecnicismo, ou seja, tendemos a assumir, em educação, certa ideia normativa que alia progresso e mudança social.

No seu breve texto “Educação sem escola?”, Illich (1974) destaca a necessidade de criarmos novas relações que sejam fontes de educação para o ser humano. Isso, contudo, só será possível a partir do momento em que alterarmos, entre outras questões fundamentais, nossa compreensão de desenvolvimento e o nosso estilo de vida. Aliás, para o autor, especialmente nossas escolas, estão atreladas a uma compreensão que modela o consumidor, que é levado a acreditar que o aumento da produção é capaz de conduzir a uma vida melhor. “Deste modo se instala o hábito do consumo dos bens e dos serviços, que nega a expressão

individual, que aliena.” (ILLICH, 1974, p. 8-9). Assim, a escola “inspira o desenvolvimento da produção e os métodos utilizados para chegar ao controle social”. (ILLICH, 1974, p. 9).

Antes de delinear a estrutura deste artigo, consideramos importante destacar, mesmo que de forma breve, nossa relação com o anarquismo cristão, pois isso poderá ajudar o leitor na compreensão de alguns dos “caminhos” aqui esboçados, especialmente o fato de nos restringirmos ao pensamento de Ellul. De fato, não somos especialistas em filosofia política, nem em teologia, e nossa formação se dá, basicamente, dentro do campo pedagógico. E, nesse sentido, nosso acesso ao anarquismo cristão ocorre a partir de “leituras filiais” do filósofo da tecnologia, sociólogo e educador – que viveu parte de sua existência na América Latina, especialmente no México – Illich, considerado por muitos um anarquista. (MITCHAM, 2003; KAHN, 2009).

É usual encontrarmos textos em que se busca a aproximação das ideias de Illich com o anarquismo. (MITCHAM, 2003; KAHN, 2009). Illich – um dos maiores analistas sociais do século XX – é um dos principais críticos da institucionalização das práticas pedagógicas, crítico das “grandes certezas da humanidade” (MITCHAM, 2003) e, especialmente, da coordenação que o Estado faz da organização técnica da sociedade, o que se relaciona diretamente à análise dos anarquistas sobre a sociedade. (ILLICH, 1974, MITCHAM, 2003, KAHN, 2009, TORRES, 2005). De modo geral, estamos no início de um trabalho de pesquisa que foca a crítica da escola entendida como tecnologia em Illich, as fontes do seu pensamento, bem como alguns elementos que configuram um anarquismo illichiano. E, nesse esforço de aproximação ao pensamento de Illich, somos confrontados com o texto “Hommage à Jacques Ellul”. Trata-se de uma comunicação de Illich na Universidade de Bordeaux, em 13 de novembro de 1993, a qual foi publicada, pela primeira vez, em 1994, na revista *L’Agora*.

Nessa palestra, ao se referir a Ellul como o seu “Mestre”, Illich enfatiza que tem se esforçado por segui-lo quase em uma “condição filial” (ILLICH, 2001), apontando, assim, para indícios da importância de alguns dos conceitos de Ellul para a configuração do pensamento illichiano. Sobre isso, Illich continua (2001, p. 2): “Posso assim expressar minha gratidão a um Mestre a quem devo muito, e que tem influenciado de forma decisiva minha peregrinação durante quarenta anos. Nesse sentido, minha dúvida é inquestionável.” Em outras palavras, no esforço

de compreender o sentido de alguns conceitos do pensamento de Illich e da busca de configuração de elementos anarquistas no seu pensamento e as bases de suas ideias, somos levados ao pensamento de Ellul e daquilo que ele próprio denomina de anarquismo cristão. Em Ellul, além de encontrarmos uma teorização sobre o anarquismo cristão, o autor é reconhecido por suas contribuições para a construção dessa teoria e escola de pensamento. (CHRISTOYANNOPOULOS, 2013).

Por fim, no que concerne à estrutura deste artigo, destacamos que ele é composto basicamente de três partes: 1) inicialmente, procedemos à breve caracterização do que é o anarquismo cristão; 2) logo em seguida, abordamos os três elementos destacados como operadores neste texto, quais sejam: a) a não violência como método de luta social; b) a concepção de natureza humana; e c) a questão da utopia no anarquismo cristão; 3) nas considerações finais, ressaltamos a importância do anarquismo cristão para a interpelação das formas hegemônicas de se pensar e fazer educação, com destaque às possibilidades de pensarmos a superação do problema do prometeísmo social dentro do campo pedagógico.

O anarquismo cristão

Ao abordarmos anarquismo e cristianismo, compreendemos que se impõe, de antemão, como foco de reflexão, a aparente contradição entre ser cristão e anarquista. Aliás, como identifica Christoyannopoulos (2013), muito raramente, cristianismo e anarquismo são pensados juntos, visto que, demarca o autor, cristianismo normalmente se relaciona com estruturas hierárquicas, enquanto o anarquismo, além da negação da hierarquia, é secular e anticlerical. (CHRISTOYANNOPOULOS, 2013). De fato, quando observamos a relação entre a fé cristã e o anarquismo, de imediato nos vêm à mente a ideia de que os anarquistas são hostis a qualquer forma de religião e, por outro lado, que os cristãos propagam a obediência ao poder político e, portanto, tem pavor do anarquismo que eles veem como associado à desordem e à desobediência às autoridades estabelecidas. (ELLUL, 1980). Assim, temos a emergência da seguinte questão: Como ser, ao mesmo tempo, anarquista e cristão?

No que concerne a isso, identificamos uma tradição – neste texto, consideramos o anarquismo cristão uma teoria e uma escola de pensamento (CHRISTOYANNOPOULOS, 2013) – da teologia política

denominada de anarquismo cristão, a qual não busca compatibilizar dois sistemas de pensamento completamente diferentes, mas, antes, mostrar que os pressupostos do anarquismo são inerentes ao cristianismo. (CHRISTOYANNOPOULOS, 2013). O anarquismo cristão não advoga que cristianismo e anarquismo sejam semelhantes; ao contrário, ambos possuem tradições, referências e heranças diferentes, mas antes, para Ellul (2010), implica perceber que ambos possuem algo em comum. É esse comum que busca a tradição do anarquismo cristão. Essa perspectiva conta com alguns pensadores expoentes, tais como: Tolstoy, Ellul, Vernard Eller, Dorothy Day, David Andrews, os quais procuram estabelecer um processo hermenêutico de compreensão dos ensinamentos de Jesus como uma crítica ao Estado e, ao mesmo tempo, procuram vislumbrar uma sociedade sem Estado. (SUISSA, 2006). Em síntese, é nesse contexto que se insere Ellul que é considerado, por muitos, um dos expoentes do anarquismo cristão. Em artigo publicado na revista *Katallagete*, no ano de 1980, Ellul esboça uma possibilidade de aproximação entre o cristianismo e o anarquismo, expresso naquilo que se denomina anarquismo cristão.

Antes de desenvolvermos alguns dos posicionamentos do anarquismo cristão, considerando certo desconhecimento de Ellul no campo pedagógico, abordaremos a seguinte questão: Qual o “lugar de fala” de Ellul?

Ellul sempre teve horror ao Estado que ele vislumbrava – em alusão às palavras de Nietzsche – como o “mais frio de todos os monstros”. (ELLUL, 2010). Do ponto de vista intelectual, ele foi estudioso dos teóricos de esquerda e recebeu significativa influência do pensamento de Marx. Ele foi, assim, um profundo leitor das obras de Marx e, durante muitos anos, inclusive, ministrou o curso “Marx e o marxismo”. (TROUDE-CHASTENET, 2010). Em relação ao marxistas, contudo, ele manteve uma relação de relativo distanciamento por certo tempo, com um conseqüente rompimento. (TROUDE-CHASTENET, 2010; ELLUL, 2010).

De fato, inicialmente, ele era visto, por um lado, como um pequeno burguês por não aceitar de “forma acrítica tudo que vinha de Moscou”, e, por outro, ele procurou se afastar dos marxistas por demonstrarem “profunda ignorância em relação ao pensamento de Marx”. (TROUDE-CHASTENET, 2010; ELLUL, 2010). Porém, no momento em que os “companheiros de Lênin” passaram a ser considerados “traidores e antirrevolucionários”, ele rompe completamente com os marxistas, pois

não conseguia entender como esses “companheiros” se tornaram tão inimigos de um momento para outro. Além disso, para ele a Ditadura do Proletariado tornou-se Ditadura sobre o Proletariado. (TROUDE-CHASTENET, 2010; ELLUL, 2010, p. 51). “Finalmente, o que me levou a odiar os comunistas foi seu comportamento durante a guerra de Espanha e os horrendos assassinatos de anarquistas em Barcelona.” (ELLUL, 2010, p. 6).

Além disso, consideramos conveniente mencionar que Ellul é francês, nasceu em 1912 e faleceu em 1994. É especialmente conhecido em função de sua análise do fenômeno tecnológico (*A técnica e o desafio do século*), em que faz uma análise crítica da ênfase que a sociedade capitalista atribui à técnica. Insere-se na linha de crítica das “grandes certezas da humanidade”, e é considerado um dos expoentes do anarquismo cristão. (ELLER, 1987). De acordo com seu próprio testemunho, ele é cristão por conversão e não por influência familiar; além disso, odiava os movimentos fascistas e se engajou em manifestações contra grupos de extrema direita, tendo se envolvido em várias manifestações contra a polícia. (ELLUL, 1991, 2010).

Ele sempre se sentiu muito próximo dos anarquistas, especialmente dos anarquistas espanhóis. Porém, todas as vezes que buscou aproximação, foi rechaçado por ser cristão. (ELLUL, 1991; 2010). Por isso, ingressou em uma jornada intelectual e espiritual e, quanto mais se aprofundava, identificava na Bíblia uma orientação ao anarquismo e no anarquismo a via política que existia na Bíblia. (ELLUL, 1980, 2010).

Troude-Chastenet (2010) lembra que, de fato, a relação entre anarquismo e cristianismo em Ellul não envolve questões puramente abstratas, lógicas ou especulativas. O foco de Ellul é encontrar sentido para sua própria vida, para sua trajetória existencial e, de alguma forma, ajudar aqueles que, como ele, encontraram dificuldades em se assumir como cristãos e anarquistas ao mesmo tempo. (TROUDE-CHASTENET, 2010).

Nesse sentido, Ellul não tem a intenção de tornar os anarquistas cristãos, nem os cristãos anarquistas, nem se trata de buscar a síntese de dois sistemas de pensamento. (ELLUL, 2010). Antes, o seu objetivo é mostrar que as premissas do anarquismo são inerentes ao cristianismo e, por isso mesmo, ambos combatem o mesmo combate, e na mesma perspectiva. (ELLUL, 2010, 1980). Assim, para os anarquistas cristãos

uma correta e adequada aplicação do cristianismo irá resultar no anarquismo. Em outras palavras, as implicações políticas do cristianismo resultam no anarquismo. “Procuramos demonstrar que, em vez de fornecer um fundamento para o Estado e as autoridades, a leitura (da Bíblia), quando mais bem-compreendida, aponta para a anarquia. Mas no sentido de an-arkhé, não autoridade ou negação de domínio.” (ELLUL, 2010, p. 51).

Passamos, na sequência, à análise dos três elementos teóricos delineados para serem abordados neste texto, quais sejam, a *não violência como método de luta social*, a *concepção de natureza humana* e, por fim, a *questão da utopia*.

O Princípio da Não Violência como método de luta social

O anarquismo cristão é contra a violência como método na luta social, tanto do ponto de vista tático, quanto do ponto de vista dos princípios de ação. (ELLUL, 2010). Os ensinamentos dos cristãos iniciais, cujos objetivos e fins são semelhantes aos dos anarquistas, seriam de não violência, de não resistência violenta e de paz (ELLUL, 2010). Assim, a posição deles se afasta daqueles que defendem o uso de violência, de resistência com uso de força, como método para a humanidade confrontar a injustiça. (ELLUL, 2010).

Os anarquistas cristãos não vislumbram a possibilidade de resistir ao mal com o mal, violência com violência, visto que esse método só aumenta a violência e acarreta um ciclo de violência. (ELLUL, 2010). De acordo com o anarquismo cristão, se a justiça da retaliação não é percebida como justa, torna-se uma mera agressão sem sentido para o *outro*, que irá retaliar e, assim, inicia um ciclo de mais violência. (ELLUL, 2010).

Nos seus escritos sobre anarquia e cristianismo, no que concerne à questão da violência como método de luta social, Ellul (2010) mapeia três situações possíveis de um agir por meio da violência como instrumento de luta social: primeiro, a doutrina de assassinatos sistemáticos; segundo, como ato de desespero; terceiro, como ato simbólico. (ELLUL, 2010).

Vamos abordar, em breves palavras, essas três possíveis situações, de forma a caracterizá-las e, ao mesmo tempo, apresentar a crítica do anarquismo cristão a tais situações.

Em relação à “doutrina de assassinatos sistemáticos”, isso é algo que, de acordo com Ellul, se verificou em alguns grupos niilistas russos. Algo que podemos observar, assinala o autor, em alguns grupos terroristas no momento. Trata-se do assassinato sistemático (ELLUL, 2010) daqueles que estão no poder (ministros, chefes de polícia, generais, etc.). A estratégia consiste no fato de que, supostamente, após vários assassinatos, as pessoas ficariam com tanto medo de ocupar tais funções que o Estado ficaria *acéfalo*, tornando-se, nesse caso, fácil de ser abatido. (ELLUL, 1991, 2010). Ellul aponta, contudo, que é difícil calcular a capacidade de resistência e de reação de poderosas instituições, como também é extremamente difícil identificar a capacidade de resistência do próprio modelo de sociedade existente. (ELLUL, 1991, 2010).

A violência na luta social também pode ser vista como “ato de desespero”. (ELLUL, 2010). Ou seja, ao se identificar que há um sistema econômico extremamente forte, um governo sólido, uma sociedade consolidada e, em certo sentido, homogênea, emerge um sentimento de impotência e frustração diante dessa situação. (ELLUL, 1991, 2010). O agir violento, nesse caso, assemelha-se a um “grito de desespero”, a uma forma de expressar o ódio contra essa situação. Para Ellul (2010), tal situação nada mais é do que a confissão de que não é possível vislumbrar outros modos de ação.

Finalmente, como *ato simbólico*, a violência, muito semelhante a situações anteriores, por exemplo, “jogar uma bomba na bolsa de valores”, teria o efeito de tentar expressar à sociedade que ela não é tão sólida quanto imagina. (ELLUL, 1991, 2010). Além disso, seria uma forma simbólica de dizer que há “forças secretas” se organizando, que estão se esforçando para miná-la. (ELLUL, 1991, 2010). Ellul acredita que isso afetaria muito pouco o capitalismo, além do que é necessário reconhecer que se o governo é autoritário, se o Estado é autoritário, contra atos violentos ele terá uma reação que será também violenta. Contra tais casos violentos, a sociedade e o Estado violentos agirão com mais violência. (ELLUL, 1991, 2010).

Se essas são as situações possíveis de uso de violência na luta social, cabe-nos indagar sobre os motivos que levam o anarquismo cristão se posicionar de forma contrária a tais situações. Sobre isso, a rejeição ao agir violento por parte do anarquismo cristão se dá em dois níveis:

- a) primeiro nível é o *tático*: de acordo com Ellul (2010), os movimentos não violentos, quando bem-dirigidos, são mais eficazes que os violentos. Ele ilustra isso com a análise da luta não violenta de Martin Luther King em prol dos negros americanos em comparação com a posição extremamente violenta dos Panteras Negras. De acordo com o autor de *Anarquia e cristianismo*, os Panteras Negras, considerando que “tudo estava muito lento”, resolveram fazer uso de vários atos violentos, porém isso culminou com uma reação extremamente violenta do Estado, e vários dos direitos que haviam sido conquistados por Luther King foram retirados. (ELLUL, 1991, 2010). Ellul (2010) menciona, ainda, que enquanto fracassaram vários movimentos violentos na Tchecoslováquia e na Hungria, foi possível visualizar situações, em outros países da Europa, vários avanços a partir da aplicação do Princípio da Não Violência;
- b) o segundo nível é de natureza cristã: para Jacques Ellul, biblicamente somos instados ao amor e não à relação violenta.

Após a apresentação do Princípio da Não Violência no anarquismo cristão, talvez nos seja possível afirmar que alguns posicionamentos do anarquismo cristão sobre a importância da não violência na luta pela transformação social podem nos ajudar a superar certo *ethos* da educação, especialmente na América Latina – de modo especial, relacionado ao prometeísmo social – em que a figura do revolucionário, o guerrilheiro, é apresentada como o único modelo possível de luta por uma sociedade melhor. Vislumbrar a não violência significa transferir o olhar para outras possibilidades que não aquelas “iluminadas” pelo princípio revolucionário, com a consequente visualização de ações violentas como única forma de transformação social.

Concepção de natureza humana

A questão sobre qual é o elemento humano a ser considerado como fator fundamental no sistema social é uma tarefa extremamente árdua, como muito bem-assinala Fromm no seu famoso livro *A revolução da esperança* (1969). Além disso, há uma tendência para aceitarmos determinada forma de ser humano como sendo a sua essência (FROMM, 1969), culminando no equívoco de restringirmos a humanidade em termos daquilo que é visto em apenas uma determinada sociedade.

O próprio Fromm (1969), ao buscar algumas definições de ser humano que remetam ao “especificamente humano”, identifica que o homem já foi definido como *Homo faber* (fabricante de ferramentas), *Homo sapiens* (no sentido restrito, usa o raciocínio para encontrar os melhores meios de sobrevivência), *Homo ludens* (homem jogador), *Homo negans* (o homem que pode dizer não), *Homo sperans* (homem esperançoso). Apesar de todo esse esforço, essas respostas não satisfazem, para Fromm, adequadamente, a questão fundamental: *o que significa o ser humano*.

Na verdade, não se pode agora fazer nenhuma afirmação definitiva sobre o que significa ser humano; talvez jamais se possa fazê-lo, ainda que a evolução humana transcenda em muito o atual ponto da história, no qual o homem praticamente começa a ser plenamente humano. (FROMM, 1969, p. 73).

Uma atitude cética e crítica sobre a possibilidade de fazermos declarações definitivas sobre o ser humano não deve ser vista, contudo, como a impossibilidade de retirarmos conclusões da observação dos fatos históricos, como denota Fromm (1969). É nesse sentido que compreendemos que a posição do anarquismo cristão sobre a natureza humana pode ser visualizada como uma alternativa consistente para nortear a análise dos projetos de formação humana, na medida em que Ellul (2010) busca uma compreensão da natureza humana em uma análise que transcende uma dada sociedade.

De fato, não é difícil reconhecermos que parte significativa da educação se baseia no pressuposto, conforme delineado no *Emílio ou da educação*, de Rousseau, de que o “ser humano é naturalmente bom, e a sociedade o corrompe”. Embora o anarquismo cristão, semelhante às demais perspectivas anarquistas, tenha uma perspectiva bem clara de natureza humana, como suporte à sua compreensão de educação e de sociedade, o anarquismo cristão se afasta da compreensão de outros anarquistas que utilizam também tal pressuposto para a defesa de uma sociedade sem autoridade, sem instituições. Assim, se em alguns anarquistas, “é a polícia que provoca o ladrão; sem polícia, não há roubo” (ELLUL, 2010), para o anarquismo cristão, de fato, a sociedade tem certa coação sobre o indivíduo, e essa perversão, no momento, se dá pela

propaganda e pelo incentivo ao consumo. Porém, Ellul enfatiza que nem tudo vem da sociedade. (ELLUL, 1980, 1991, 2010).

A esse respeito, parece-nos interessante o exemplo mencionado por Ellul sobre o posicionamento da Holanda em relação à sua política de entorpecentes. Como amplamente divulgado, a Holanda passou a tolerar o uso de drogas e se imaginou, como consequência, a diminuição da “paixão” pelas drogas. Os dados apontam, de acordo com Ellul (2010), que se efetivou justamente o contrário, aumentou tal “paixão”, bem como todas as consequências sociais relacionadas ao uso de drogas.

Nesse caso, na posição do anarquismo cristão, o ser humano não é naturalmente bom. (ELLUL, 1980, 1991, 2010). Ellul não visualiza tal posição como uma questão moral, nem cristã (por exemplo, questão de pecado original), mas como um dado histórico. (ELLUL, 1980, 1991, 2010). Para o autor, ao analisarmos a história, podemos identificar grandes características do ser humano, independentemente da sociedade, da época. E, para ele, as características são as seguintes: a *cobiça* e o *desejo de poder*. Em qualquer época, em qualquer lugar, é possível identificar, segundo ele, tais características. (ELLUL, 1980, 1991, 2010).

Nesse caso, para o anarquismo cristão, caso o ser humano permaneça, por exemplo, totalmente livre para decidir sobre os seus atos, ele irá, fatalmente, dominar alguém, irá cobiçar o que é de alguém. (ELLUL, 1991, 2010). Esse autor identifica na cobiça um problema em especial: o fato de que ela jamais poderá ser satisfeita; uma vez atendido algo, cobiça-se imediatamente outro mais. (1980, 1991, 2010).

Também em relação a esse aspecto, o da natureza humana, compreendemos que o anarquismo cristão talvez nos alerte para a fragilidade do pressuposto, “tão caro” a certos projetos pedagógicos, de que “o ser humano é naturalmente bom e é a sociedade que o corrompe”. Mesmo sem desconhecer a complexidade – como delineada por Fromm (1969) – sobre a questão da natureza humana, o posicionamento do anarquismo cristão de que talvez a natureza humana no momento tenha no seu “cerne a cobiça e o desejo de poder” ajuda-nos a interpelar algumas de nossas formas de pensar e fazer educação. Também aqui, podemos colocar em questão o prometeísmo social no campo pedagógico, visto que lhe é subjacente certa crença no “progresso e na bondade da natureza humana”.

A questão da utopia

Finalmente, no que concerne à prospectiva de futuro, em termos de sociedade ideal, Ellul defende que a sua efetivação é impossível e, nesse sentido, nenhum projeto de futuro é tomado por garantido. (SUISSA, 2006). Ao identificar duas características centrais na natureza humana (a cobiça e o desejo de poder), o anarquismo cristão assevera que isso leva a muitas disputas e competição entre as pessoas. (ELLUL, 1980, 1991, 2010).

Nesse sentido, a sociedade anarquista ideal não é possível. (ELLUL, 1980, 2010). Para Ellul, alguém poderia propor um estado de transição, mas o filósofo da tecnologia relembra a “velha máxima”: “Todo poder corrompe, e o poder absoluto corrompe mais ainda.” (ELLUL, 1980, 1991, 2010). Assim, de acordo com ele (2010), o anarquismo deve ser visto como meio de “questionamento de tudo o que existe”, como forma de conscientização, como primeiro passo para pequenas ações. Não se trata de um “grande projeto” de transformação, mas de uma disposição que culmina em um mundo melhor a partir das diversas interpelações.

Somente a anarquia, na medida em que não deseja “o poder em si”, pode ser um questionamento do “poder em si”. (ELLUL, 1980, 1991, 2010).

Em uma palavra: quanto mais o poder do Estado e a burocracia aumentam de tamanho, mais uma postura anárquica é necessária, única e última defesa do indivíduo, ou seja, do homem. A anarquia ainda precisa descobrir sua ousadia e sua coragem para desvelar um belo futuro diante de si. É por tudo isso que me mantenho anarquista. (ELLUL, 2010, p. 27).

Embora os limites estabelecidos para este texto não nos permitam explorar mais esse tópico, em relação às possíveis contribuições para o campo pedagógico, ressaltamos que talvez esse posicionamento do anarquismo cristão nos ajude a superar certa tradição, considerada crítica dentro do ambiente pedagógico, que muitos definem como prometeica. A postura do anarquismo cristão, na defesa de que a sociedade ideal não é para se efetivar, mas apenas para interpelar, aponta-nos para uma perspectiva diversa do prometeísmo – tão presente no fazer pedagógico.

De fato, para Pombo (2005), há duas espécies de utopia: a primeira espécie é constituída por aquelas que conjugam os verbos no futuro, assim “será”, “amanhã será”; são utopias descritivas que acreditam que de alguma forma possuem o caminho para a justiça social e a liberdade. Essas utopias são prometeicas e têm por base a crença no progresso – e aqui, em referência a Illich, podemos acrescentar a crença em um progresso, baseado no atual modelo de desenvolvimento, produção e consumo – e é com base nessa crença que a sociedade do futuro é idealizada.

Para a filósofa, há outro grupo, no qual acreditamos está inserida a perspectiva do anarquismo cristão, e que, em vez de dizer “será”, afirma “poderia ter sido”, “poderia vir a ser”. Para essas utopias, em vez de uma crença em um progresso linear, construído pela tecnologia, pela crença na produção e na sociedade de consumo, elas possuem aquilo que Pombo (2005) denomina “profunda sensibilidade à alteridade”. “As coisas são assim, mas poderiam ter sido outras, ou podem ainda vir-a-ser de outra maneira.” (POMBO, 2005, p. 42). É nesse último tipo de utopia que identificamos o anarquismo cristão e, nesse sentido, essa perspectiva constitui um desafio à nossa forma usual de lidar com a questão da transformação social dentro do campo pedagógico.

Considerações finais

Neste trabalho, nos concentramos na contribuição do anarquismo cristão, visto como teoria e escola de pensamento para a educação. Não o fazemos com base em um conceito operador específico, mas a partir de três elementos que consideramos mais próximos da educação, conforme estão delineados no pensamento do filósofo da tecnologia, sociólogo e teólogo Ellul. Mesmo sem desconsiderar os limites estabelecidos para este artigo e o seu caráter exploratório do tema, bem como a complexidade dos temas e perspectivas teóricas envolvidos, esperamos ter apontado ao potencial do anarquismo cristão para a análise de algumas das principais questões educacionais. Também em função dos limites deste texto e devido à profusão de autores afeitos ao anarquismo cristão, preferimos nos concentrar nas possíveis contribuições, não explorando, assim, algumas das principais controvérsias que envolvem o tema.

Creemos que o anarquismo cristão levanta algumas teses que merecem ser analisadas dentro do campo educacional e esperamos ter apresentado algumas pistas do potencial dessa perspectiva para interpelar nossa forma de pensar e fazer educação, como, por exemplo, a reflexão sobre a possibilidade de transformação social a partir do Princípio da Não Violência. Em vez de visualizarmos apenas o “modelo revolucionário” – tão característico da educação na América Latina – o anarquismo cristão aponta ao potencial tático da não violência, especialmente em um momento de “vácuo político” no fazer pedagógico.

Por outro lado, em relação à questão da natureza humana, mesmo ciente das dificuldades de focar tal questão, o anarquismo cristão, em uma perspectiva que pode ser considerada histórica, demonstra que a crença no pressuposto de que “o ser humano é naturalmente bom e é a sociedade que o corrompe” talvez não se sustente.

Finalmente, esse mesmo princípio culmina numa questão também fundamental que é a de pensarmos a contribuição dos projetos formativos na transformação social não como algo que deve ser efetivado – “muitas vezes sem perceber que os meios estão a corromper os fins” –, mas como algo que deve interpelar nossas práticas. O projeto ideal não é para se efetivar, mas para arguir nossas ações; e isso é, de alguma forma, a vivência da sociedade ideal. Para o anarquismo cristão, essa situação passa pelo entendimento de que o “exemplo” tem valor pedagógico. Assim, as nossas ações – nossos pequenos passos – devem ser o testemunho dessa sociedade ideal.

Em síntese, compreendemos que o anarquismo cristão pode, sem dúvida, ser uma fonte de questionamento, um meio para a conscientização e um primeiro passo para ações em busca de formas de pensar e fazer educação que sejam menos hierarquizadas, menos institucionalizadas e menos burocráticas. Nessa perspectiva, não devemos buscar a *sacralização* e a *implementação da sociedade pura*, mas a construção de um modelo de sociedade diferente do que está posto e sua construção passa pela crítica, pelo questionamento e afastamento das atuais estruturas institucionais e hierarquizadas; para Ellul, as atuais instituições – e nisso também podemos agregar o posicionamento de Illich – devem ser reinventadas.

Nesse sentido, creemos que o anarquismo cristão possibilita direcionar o foco a temas e problemas educacionais que estão sendo relegados pelas abordagens hegemônicas de nossas teorias educacionais, especialmente

as que se baseiam em certa noção de progresso e de Estado. Embora – devemos reconhecer – há um significativo trabalho por ser realizado, que implica tentarmos perceber qual é, de fato, o lugar do anarquismo dentro da reflexão educacional; algo que transcende, em muito, os limites e as pretensões deste texto. Por fim, as críticas dirigidas, neste texto, ao Estado não devem ser consideradas – em conformidade com o anarquismo cristão – ao Estado em si mesmo, mas à sacralização do Estado no atual momento. Assim, o anarquismo representa, nessa perspectiva, uma crítica e uma resistência a esse “poder de coordenação da organização técnica” na atual sociedade (ELLUL, 1980, 1991, 2010), inclusive da educação e sua principal tecnologia: a escola.

Referências

- BAKUNIN, M. A. *Deus e o Estado*. São Paulo: Cortez, 1968.
- CHRISTOYANNOPOULOS, Alexandre. *Christian Anarchism: a forgotten alternative for the peaceful ordering of society*. Disponível em: <<https://archive.org/details/ChristianAnarchism>>. Acesso em: 15 out. 2013.
- ELLER, Vernard. *Christian anarchy*. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1987.
- ELLUL, Jacques. Anarchy and christianity. *Katallagete*, v. 7, n. 3, p. 14-24, 1980.
- _____. *Anarchy and christianity*. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1991.
- _____. *Anarquia e cristianismo*. São Paulo: Garimpo, 2010.
- _____. *What I believe*. USA: Marshall Morgan and Scott Publications, 1989.
- _____. *Violence*. USA: The Seabury Press, 1969.
- _____. *A técnica e o desafio do século*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- _____. *A palavra humilhada*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- FROMM, Erich. *A revolução da esperança: por uma tecnologia humanizada*. São Paulo: Zahar, 1969.
- GALLO, Sílvio. Anarquismo e educação: os desafios para uma pedagogia libertária hoje. *Política & Trabalho – Revista de Ciências Sociais*, n. 36, p. 169-186, abr. 2012.

GREGO, Daniel. Thirteen ways of looking at Ivan Illich. *The International Journal of Illich Studies*, v. 3, n. 1, p. 79-95, fev. 2013.

ILLICH, Ivan. *To honor Jacques Ellul*. 2001. Mimeo.

_____. *Educação sem escola?* Porto: Teorema, 1974.

KAHN, Richard. Critical pedagogy taking the Illich Turn. *The International Journal of Illich Studies*. Disponível em: <<http://ivan-illich.org/>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

KAHN, Richard. Anarchic Epimetheanism: the pedagogy of Ivan Illich. In: AMSTER, Randall et al. (Org.). *Contemporary anarchist studies: an introductory anthology of anarchy in the academy*. USA: Routledge, 2009. p. 125-135.

KIERKEGAARD, Soren. *Migalhas filosóficas*. Portugal: Relógio-d'Água, 2012.

MITCHAM, Carl. En memoria de Iván Illich, un anarquista entre nosotros. *The Ellul Forum: for the critique of technological civilization*. California/USA, 2003.

MITCHAM, Carl; HOINACKI, Lee (Org.). *The challenges of Ivan Illich: a collective reflection*. New York: State University of New York Press, 2002.

SUISSA, Judith. *Anarchism and education: a philosophical perspective*. London: Routledge, 2006.

POMBO, Olga; CANÁRIO, Rui. Ivan Illich: um visionário que é preciso ler. *Aprender ao Longo da Vida*, n. 4, p. 40-47, maio 2005.

SUISSA, Judith. Anarchism, utopias and philosophy of education. *Journal of Philosophy of Education*, v. 35, n. 4, p. 627-645, 2001.

TROUDE-CHASTENET, Patrick. Jacques Ellul: anarquista, mas cristão. *Revista Espiritualidade Libertária*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 13-19, 2010.

TORRES, Carlos Alberto. Os mundos distorcidos de Ivan Illich e Paulo Freire. In: TORRES, Carlos Alberto; TEODORO, António (Org.). *Educação crítica e utopia*. Lisboa: Afrontamento, 2005. p. 83-100.

Submetido em 20 de novembro de 2014.

Aprovado em 23 de março de 2015.